



“ELISA Y MARCELA: UM CASAMENTO SEM HOMEM” – A RELIGIOSIDADE NA HISTÓRIA DA SEXUALIDADE LÉSBICA NOS SÉCULOS XX/XXI

Camila Mireli Calaça de Sá¹

RESUMO

O presente artigo visa adentrar no filme “Elisa e Marcela” a partir da metodologia da etnografia de tela, no qual captura por meio de análise cinematográfica, as nuances da vivência da sexualidade lésbica e a influência da religiosidade no século XX. Com isso, retiraram-se cenas “chaves” e profundas sobre as questões de gênero, heteronormatividade compulsória e a vivência lésbica daquela época, mas que ainda hoje permeiam a existência de mulheres que amam outras mulheres. Percebemos o quanto essa existência foi - e continua sendo - constituída de assédios, violências, julgamentos morais/religiosos e coerções, mas que, no entanto, se faz resistência perante essas opressões e subversões, rompendo com a heteronormatividade e o patriarcado no bojo de suas expressões; indicando um corpo feminino para além das normas, um corpo político e social no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Lésbica; Religiosidade; Etnografia de Tela.

INTRODUÇÃO

A instituição religiosa tem cumprido um forte papel de vigiar e punir os corpos dóceis em diversas sociedades, e na sociedade ocidental, o dispositivo da sexualidade é meio para reprimir e produzir saber sobre os corpos (FOUCAULT, 2018). Regulando os corpos, constroem-se concepções identitárias, a exemplo, neste caso - o sexo, onde impregnam para a mulher o papel exclusivo de esposa, mãe e dona do lar e ao homem, o provedor. Assim, as relações de poder passa a se estabelecer uma supremacia masculina sob a feminina, denominado de patriarcalismo (LIMA, 2010). O fundamento da família patriarcal parte dessa autoridade do homem imposta no âmbito privado e público, a qual se assentam muitas das sociedades contemporâneas, reproduzindo e organizando o meio social, permeado por opressão, dominação e violência; fortalecida, inclusive, por algumas entidades religiosas (CASTELLS, 2000). Por isso, ao retratarmos sobre a sexualidade feminina nesse contexto de inferioridade e opressão que lhe foi imposta por essas entidades, parte do princípio da limitação sexual da mulher baseado na complementaridade anatômico-biológica - macho e fêmea – para que findem em descendentes, inferiorizando e abominando coabitações e afetos homoeróticos, assim como outras formas não binárias de existência (FAÚNES, 2012); sendo que esse binarismo que vem desde a noção de bem e mal, certo e errado, homem e mulher, instaurado por concepções maniqueístas e cristãs.

¹ camilapsicounivasf@gmail.com – Universidade Federal de Sergipe

Na literatura socioantropológica brasileira que discorre sobre a relação entre religião e orientação sexual tem demonstrado ênfase em discussões voltadas para a homossexualidade masculina e suas demandas, invisibilizando as demais expressões da sexualidade, especificamente às mulheres lésbicas e bissexuais (MACHADO et. al., 2011). Estudos nacionais (NATIVIDADE, 2006; NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2009; FALKENBACH e ROCHA, 2015) e internacionais (LEAL, 2017) confirmam que, mesmo diante de discursos homogêneos religiosos a respeito da homossexualidade, não há pautas específicas relacionadas às mulheres lésbicas e bissexuais e nem uma escuta de suas demandas no tocante às influências religiosas sobre sua sexualidade.

Assim, além da inferioridade e opressão atribuída à feminilidade, acrescenta-se a mulher não heterossexual a condição de conduta abominável, antinatural, pecadora, e inclusive, em doutrinas mais remotas, como possessa por espíritos demoníacos (MACHADO, 1998; MACHADO et. al., 2011; FEÚNES, 2012; MESQUITA e PERUCCHI, 2016), porém em alguns estudos demonstram que são relativamente “aceitas” nas comunidades religiosas, exceto nas igrejas inclusivas, caso estas mantiverem sua sexualidade ocultas ou negarem totalmente as suas atrações físicas e sexuais por outras mulheres, e optarem por uma heterossexualidade compulsória ou supressão da homossexualidade que comprovem sua “cura” ou “libertação” (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2009; CASTELLS, 2000).

Portanto, por meio desse percurso sócio, histórico e antropológico, o referente artigo pretende analisar, a partir da intersecção com o filme *Elisa & Marcela*, os aspectos referentes ao discurso religioso e a influência na vivência da sexualidade feminina no século XX e as suas repercursões na realidade contemporânea. Associam-se conjuntamente, com embasamento de teóricos que retratem sobre gênero e sexualidade, lesbianidade, relações de poder, como: Butler, Rich, Zanello, Foucault;

METODOLOGIA

O presente artigo adota a metodologia etnografia de tela como forma de explorar antropologicamente em que as nuances do filme *Elisa & Marcela* ainda refletem na realidade da mulher lésbica no século XXI, a partir da interlocução de estudos teóricos sobre as questões da hierarquia de gênero, reflexões sobre a sexualidade da mulher lésbica e os discursos permeados pela religiosidade. Balestrin (2011) coloca que na etnografia de tela o sujeito pesquisador se envolve e é interpelado, identificando-se ou não, no ato de ver a tela e de se ver nela, captando o que mais lhe tocou. Deste modo, esta pesquisa busca observar sistematicamente o conteúdo exposto em tela, captando pontos relevantes que emergem das

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

representações da sexualidade lésbica, assim como realizar análises aprofundadas de tópicos que envolvem as premissas do enredo em narrativa.

Ayres (2015) em sua tese ressalta que essa metodologia traz um grau de compressão do grupo social, pois a partir das escolhas audiovisuais percebe-se a representação de valores, crenças, formas de ser em sociedade. É pensar outras vozes ecoando dentro e fora da cena. É olhar e questionar: que movimento aquela imagem passa? Portanto, todo esse contexto: de imagens, sensações, sons, pausas, músicas, silêncios, cores... Podem apontar para a reflexividade do assunto proposto.

“ELISA E MARCELA: UM CASAMENTO SEM HOMEM” – RECORTES DE UMA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA DA MULHER LÉSBICA DO SÉCULO XX.

A narrativa do filme “*Elisa & Marcela*” – este baseado em fatos reais - retrata a realidade de um casal de mulheres e a vivência de suas sexualidades entre o final do século XIX para início do século XX, no qual se encontravam inseridas em ditames educacionais cujas premissas perpassavam por doutrinas religiosas. No discorrer das cenas, apresentam os dilemas dessa mulher não heterossexual daquela época e alguns dos seus contextos, como: o envolvimento e a demonstração afetiva, negação constante da sexualidade, as limitações do contato a espaços privados, assim como as nítidas relações de poder instituído pela família, igreja, sociedade e comunidade no emprego da obrigatoriedade na conduta exclusivamente feminina e heteronormativa.

No enredo inicial a historicidade é demonstrada, assim como o teor nostálgico, na apresentação da tela em tons de preto, branco e acinzentado, o qual marca todo o filme. A narrativa perpassa pela perspectiva de Marcela que ao relatar seu romance com Elisa a uma suposta interessada em conhecê-las (que ao final da narrativa, descobrimos ser sua filha), retratando sobre seus dramas e dilemas para vivenciar, enfim, sua sexualidade, assim como o seu casamento, de modo legítima e libertária. Para que isso ocorra, sua trajetória e de sua companheira, foram marcadas por intensos sofrimentos, dramas, assédios, violências, sujeitamentos, injúrias, zombações, acusações e punições.

– “*Que encontre um homem e case logo, caso contrário terá que ficar com elas (freiras/tias) pra sempre*” – Declara Elisa ao explanar o doutrinamento das líderes religiosas como a obrigatoriedade do casamento heteronormativo nos moldes do binarismo anatômico-sexual e reprodutivo, assim que se encontra com Marcela pela terceira vez quando esta a convida a conhecer o seu quarto. Esta fala específica tem determinações simbólicas do que se

constitui ser mulher e suas representações sexuais, ao qual transcorre um distanciamento ou abominação da autonomia feminina de seus desejos, resguardando-se para a submissão masculina. Beauvoir (1980) afirma que a submissão e o resguardo feminino a exclusividade ao homem lhe concede a integralidade de sua dignidade social, complementariamente Rich (2010) discorre que essa artimanha é para negar a sexualidade da mulher, tornando a sua vida centrada para se submeter ao poder masculino, seja consciente ou físico. Transparece logo de início, que mesmo que elas estudassem, adquirissem conhecimentos, aquele sistema induzia para a finalidade de casamento e reprodução biológica.

– “*Case-se logo, antes que engravide*” – Diz Marcela ao reproduzir o que geralmente escuta do seu pai, ocorrendo no mesmo diálogo supracitado. Nesse discurso retirado do filme, demonstra que, além da opressão na obrigatoriedade para o casamento heterossexual, há abominação do exercício da maternidade fora dele. Correlacionando para o contexto da homossexualidade, Falkenbach e Rocha (2015) acrescenta que dentro daquelas circunstâncias, os LGBT eram vistos como seres inúteis por não gerarem descendentes e não ter cunho exclusivamente reprodutivo, apenas satisfação carnal e afetivo. Por conseguinte, qualquer atitude divergente dos moldes impostos pela sociedade cristã possui uma carga simbólica aversiva e condenável.

Neste diálogo entre Marcela e Elisa, demonstra que, assim como a igreja, a família também é uma instituição regulatória sobre os corpos e a sexualidade dos sujeitos constituintes da sociedade, especificamente da mulher. Portanto, a mulher é criada e ensinada para servir, para ser obediente, submissa, casar-se, respeitar seu marido, ter filhos, fomentando, assim, a domesticização feminina, desautorizando-as outras formas de expressão social e inclusive sexual, pois o sexo feminino sempre foi destinado a reproduzir o que o macho quer – o destino inato sexual para ele e a criação da sua prole – como se fosse um dogma a ser seguido sem questionamento – chamado de heterossexualidade compulsória (RICH, 2010).

Apesar da restrição da informação no contexto em que discorre a história a respeito da conscientização dessas opressões sofridas pelas mulheres, no enredo cinematográfico ocorre marcos sutil do movimento feminista, em que provoca certa ameaça à supremacia masculina quanto a sua autoridade concedida pelo machismo e o patriarcalismo, causando temor, demonstrada em diálogos entre Marcela e seu pai. – “*Têm alguns livros que não trazem nada de bom!*” – Diz o Pai de Marcela ao jogar o livro – de forma agressiva – sobre a mesa diante de Marcela, e após a visitação da Elisa. Dentro dessa circunstância, o silenciamento feminino é apresentado em todos os momentos em que se encontra a família reunida para o

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

jantar, o que demarca a exclusão do lugar de fala daquelas mulheres. Porém, em cenas posteriores, a mãe de Marcela afirma discordar do seu marido, em espaço privado, a respeito do que fora dito anteriormente pelo mesmo, para assim entregar o livro, escondendo-o por debaixo do vestido, cuja autora chama-se *Emilia Pardo Bazan*² para Marcela, em que declara ler escondida e sem o consentimento do seu marido. Embora toda a opressão masculina e a repressão da igreja que ainda é reproduzida pela sociedade contemporânea, existiam mulheres que se rebelaram contra o padrão preexistente das representações femininas, sendo restrita a domesticização e ao espaço privado, assim como também a supressão da autonomia ao próprio corpo (PINTO, 2010; OLIVEIRA e CASSAB, 2014).

– “*Elisa, temos que continuar com o teatro, fingir que somos como todo mundo. Que somos como eles! Senão, não teremos paz*” – declara Marcela para sua amada após saírem de um baile na comunidade local que envolve dança e música. O trecho citado anteriormente foi retirado de um diálogo entre Elisa e Marcela, que demarca a necessidade da invisibilização da manifestação afetiva entre mulheres lésbicas, conseqüentemente submetem-se a situações desconfortáveis, inclusive de assédio, para tentarem viver a seu romance.

– “*Mulher-Macho!*” – Grita enfurecido um desconhecido que insiste ao bater agressivamente na porta, ao ser recusado por Elisa quando convida Marcela para ir ao baile. Em cenas anteriores, o olhar obsessivo deste “homem-chave” do filme ao encarar de longe as duas saindo do baile, bastante íntimas e abraçadas, sentiu-se no direito de romper abruptamente o romance delas com a sua “masculinidade”. A recusa da figura masculina na relação delas, assim como nas concepções de uma relação afetivo-sexual lésbico, e a atitude agressiva e indignada desse “homem” refletem a frustração da supremacia machista, já que nesse momento, a mulher não estava disponível para este homem e sim para outra mulher (ZANELLO, 2018; RICH, 2010).

– “*Elisa e Marcela: um casamento sem homem!*” – Emissão do noticiário jornalístico da época, após a igreja descobrir a verdadeira identidade de Elisa, que havia optado por travestir-se de Mário para casar-se religiosamente com a Marcela. As concepções matrimoniais na “Era Cristã” perpassam por preceitos heteronormativos e monogâmicos como padrões ideais para se viver uma sexualidade plena. Neste recorte, observa-se a necessidade da presença da figura masculina para que essa complementariedade materialize a existência, reforçando os ideais reprodutivos e biológicos para formação de família. Nessa

² Escritora, jornalista e intelectual de Corunha- Espanha. A mesma usou seus escritos para denunciar o acesso quase nulo das mulheres a alfabetização e leitura. Considerada precursora do feminismo em localidade e época.

mesma narrativa do filme, demonstra a obrigatoriedade para legitimar o casamento heteronormativo a partir da maternidade de Marcela, o que automaticamente diminuem, temporariamente, as investidas da violência na comunidade contra elas. O que nos faz ruminar questões: que relações de poder são essas que constroem o que deve viver e morrer, ganhar ou perder, sair ileso ou se machucar? Butler (2015) nos põe para pensar que construções são essas que dizem que quais corpos importam: Será que só são aqueles que respondem a hegemonia heterossexual materializada nos corpos? Que respondem a um padrão heterossexual: pai e mãe, homem e mulher, passivo e ativo? (RICH, 2010).

Além dessa investida direta, houve meios indiretos de coagirem o amor entre as duas: as gargalhadas exageradas e os fuxicos feitos à beira do rio, na lavagem da roupa, trazendo constrangimento em ambas que demonstra pela sua face – o desconcerto e afastamento. Esses meios, até na nossa atualidade, são usados para intimidar, segregar, invisibilizar, formando uma visão negativa e estereotipada daquilo que rompe com o “natural” (TOLEDO, 2008). Apontamos aqui, o dispositivo da sexualidade no controle dos corpos, que Foucault (2018) retrata ser polimorfo em sua estrutura visando capturar aquilo que é inapreensível – o corpo, a este, são direcionados vários instrumentos de controle e padronização (diretos ou mais sutis), fazendo com que ocupe uma única lógica de ser e de viver o sexo.

MULHERES LÉSBICAS EM FOCO: (IN)VISIBILIZAÇÃO DA SEXUALIDADE NO SÉCULO XXI

A compreensão da sexualidade feminina na qual se encontra inundadas de representações históricas atribuídas a ser mulher e ao seu corpo, ao longo da constituição da sociedade, essa mulher é marcada por invisibilização, inferiorização, domesticidade e violência (TEDESCHI, 2012). Na Grécia Antiga, a forte influência do campo filosófico, a mesma era vista como um ser irracional e, sexualmente, como objeto de satisfação do homem, demarcado pela hierarquização das distinções sexuais, inferiorizando o corpo feminino e, consequentemente, as suas representações (LIMA, 2010; CHAGAS et. al. 2017).

Diante desse cenário filosófico e do domínio masculino diante da mulher, a Igreja Católica, calcada pelos princípios judaicos, passa a fortalecer concepções de objetificação e submissão feminina, fomentando diretrizes teológicas que delimitam o papel social e sexual da mulher. Dessa forma, as construções sociais dos papéis imbuídos ao feminino pela moral cristã se caracterizam como, segundo Tedeschi (2012, p. 74): “[...] aquelas necessárias ao cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, negando à mulher outras

possibilidades e reforçando seu enclausuramento no espaço doméstico”. O que nos remete, a uma das acusações feita pelo tribunal de Corunha contra elas, ao descobrirem que se tratavam da união de pares não heterossexuais – a blasfêmia. Atentando aos pudores da época, juntamente com “transexualismo” e falsidade ideológica, onde o carcereiro foi mais enfático com a blasfêmia, advindo do teor pesado de sua voz.

A concepção religiosa a respeito da sexualidade feminina, ao longo da história, fundamenta-se em justificações para a subordinação ao masculino, através de teologias que favorecem a domesticidade do corpo feminino, privando-as ao espaço doméstico, matrimônio e a maternidade, com intuito de salvarem suas almas do pecado (TEDESCHI, 2012). Esta moralidade cristã encabeçou criações dos papéis sociais atribuídos ao homem e a mulher, o que reflete e reproduz na realidade contemporânea.

A Igreja Católica, como influenciador de crenças, estabelece padronizações sobre ambas às relações, naturalizando vínculos heterossexuais conforme a criação do Deus-pai (Adão e Eva). Logo, a homossexualidade e todos os vínculos libidinais homoeróticos assumem o papel de “antinatural”, “abominável”, “pecador” e “desviante” da vontade do Deus-pai (LIMA, 2010; MACHADO et. al. 2011; MESQUITA e PERUCCHI, 2016). Dentro desse contexto, a mulher que se relaciona com outras mulheres, por estas negarem o domínio masculino e também pela sua condição inferiorizada nas hierarquias sexuais - dentro ou fora dos templos eclesiásticos - sofrem com a dupla rejeição, opressão e supressão por esta distanciar-se da vocação essencial de ser mulher - maternidade e matrimônio - ditada pela moral cristã como remissão do pecado original (derivada de Eva).

(...) A concepção de sexualidade que a moral católica defendia estava associada à fonte do pecado, sendo o matrimônio, então, a redenção, a contenção do feminino diante do pecado, reduzido à função de procriação. A sexualidade ganhava uma característica limitada exclusivamente para a procriação; caso contrário, se convertia em pecado de fornicção (TEDESCHI, 2012, p. 74).

Atualmente, as argumentações que ecoam nas igrejas tradicionais a respeito da homossexualidade estão muito interligadas a problemas espirituais e demonizações. Conforme Machado (1998) o comportamento homossexual, mediante a doutrina cristã, se dar através da manifestação de sobrenaturais malignos. Assim, para uma conversão e transformação completa da homossexualidade para a heterossexualidade parte da doutrina do “*abandono das práticas do velho homem*” – para isso deve-se, obrigatoriamente, realizar desde leituras bíblicas, orações, jejuns e a momentos de “libertação” em busca da santificação do corpo – para assim, ser guiado pelas forças do “Espírito Santo” que liberta dos desejos homossexuais “abomináveis” (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2009). Vale ressaltar, o quanto

de muitas nós, mulheres lésbicas e bissexuais, escutam esses discursos quando as nossas famílias tomam consciência dessa orientação sexual fora do “padrão”, seja pela comunidade, seja pelo próprio seio familiar ou pelo próprio sujeito, frases como: *“isso não é coisa de Deus”*, *“você precisa procurar uma igreja pra se livrar disso”*, *“isso não é normal”* ou *“você precisa se libertar deste mal”*, são escutadas com frequência em períodos de nossas trajetórias identitárias enquanto mulheres que gostam de mulheres, e reificada na pesquisa de Toledo (2008) quando questiona o começo da vida afetivo-sexual lésbico, junto ao contexto familiar, de amigos e religioso.

Devido à grande movimentação de informações e a maior conscientização das mulheres sobre as opressões sofridas pela dominação masculina na conjuntura do patriarcado, instaurou-se fortemente, na década de 70 e repercute atualmente, o movimento feminista. Um dos impactos na estrutura do patriarcado pelos movimentos feministas – o liberalismo sexual dos indivíduos LGBTs e igualdade dos direitos de gênero – consiste no enfraquecimento da heterossexualidade como norma e eliminar as hierarquias de gênero e suas relações de poder, respectivamente (CASTELLS, 2000). No filme, o retrato desse panorama político foi exposto em forma de discurso – onde no final apresenta em dados a atual conjuntura das conquistas dos LGBTs – e também de forma metafórica – quando Elisa se direciona para a Marcela em seu cavalo, vindo de um campo livre, simbolizando a liberdade, pois, este era também, o compromisso que Marcela firma com Elisa quando aquilo tudo tivesse resolvido – era dar este cavalo para a amada.

Vale ressaltar também, nessa celeuma, a subversão desse amor e da maternidade. A maternidade, no enredo, parece ter sido uma atitude tanto para legitimar a união aparentemente “heterossexual” das duas, entretanto, a ponto de extrapolar e esse vínculo ter se estreitado nas dificuldades que as duas passaram na prisão. Em seguida, em um acordo interno com o carcereiro que vinha dando apoio a Elisa desde a descoberta da maternidade de sua amada, em sua liberdade Marcela abre mão da sua filha dolorosamente, pois o seu grito estridente e visceral denuncia a escolha pelo amor lésbico, e não pela maternidade. Desse modo, desafia a construção histórica do dispositivo materno, onde a partir do século XVII em diante, coloca para a mulher esse “amor espontâneo da mãe pelo filho, glorificando esse sentimento” (ZANELLO, 2018, p. 126), deslocando a lógica do instinto materno e do “bom sexo”, que foi e que ainda é incentivada pelo capitalismo para o cuidado primordial, e não para a monstruosidade ao diferir dessa norma (ZANELLO, 2018). Rompendo também, com o controle masculino sobre o corpo dessa mulher – que além de não centrar seu amor para um homem, decide não aceitar a maternidade, pois esta parecia gerar precedente para maior

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

sofrimento entre as duas – o que na atualidade, repercute sobre a importância da existência e *continuum* lésbico para a tentativa do rompimento a heteronormatividade compulsória (RICH, 2010).

Essas conquistas políticas e sociais infligem diretamente no papel doméstico e procriação concebida exclusivamente a mulher, como também a monopolização masculina das relações heterossexuais e começa a oportunizar a autonomia sexual dos indivíduos, inclusive, possibilitando a manifestação das relações entre mulheres lésbicas e bissexuais. Fazendo com que suas experiências sejam reconhecidas, inteligíveis e resistentes aos modos operandis sexuais e políticos da hegemonia heterossexual (BUTLER, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia fílmica tem capacidade de atingir afetos, memórias, sujeitos, opiniões e sensações que foram perceptíveis perceberem no discorrer desse trabalho, o quanto se faz necessário pensar essa religiosidade na identidade e na possibilidade de existência da afetividade e sexualidade das mulheres lésbicas. Notar que nós mulheres, somos sujeitos de escolhas, visibilidade e ação política e libertária em nossa sociedade que ainda encontra-se fundamentada no heteronormatividade compulsória, machismo e patriarco, mas que desde séculos passados tem se mostrado resistência perante essas opressões.

REFERÊNCIAS

AYRES, M. As representações da deficiência física na telenovela viver a vida. Uma etnografia de tela da intimidade: cuidado, corpo e sexualidade. **Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Filosofia e Ciências humanas**, 2015.

BALESTRIN, P. A. “Tantas, sou só um e sou tantas”. **Polis e Psique**, v. 1, Número temático, 2011.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, J. Corpos que importam. **Sapere Aude** – Belo Horizonte, v. 6 - n. 11, p. 12-16 – 1º sem. 2015. ISSN: 2177-6342.

CASTELLS, M.. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: CASTELLS, M. **O poder da identidade Vol II**. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ELISA y Marcela. Direção de Isabel Coixet. Espanha: Institut Català de Les Empreses Culturals (ICEC), 2019. (113 min.). Disponível em <
<https://www.netflix.com/watch/80121387?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Caa720f3fa67>

[9dac3a3e69cc5b56737918db06635%3A36aeb3aa10542cf754dcdfa70f150ca65e244484%2C%2C](https://doi.org/10.24036/revista-social-politica.2010.18.36) > Acesso em: 05 out 2019.

FALKENBACH, M. B.; ROCHA, L. S. Manipulação das massas: o homossexual como inimigo. In: **III Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG**. Caxias do Sul, p. 386-405, 2015.

FAÚNES, J. M. M. El activismo católico conservador y los discursos científicos sobre sexualidad: cartografía de una ciencia heterosexual. **Revista Sociedad e religião**. v. 22, n. 37, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, p. 167-205, 2012.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade – a vontade de saber**. Paz e Terra, 7º ed, Rio de Janeiro/São Paulo, 2018.

MACHADO, M. D. C. Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDS: nota de uma pesquisa. **Revista Cadernos Pagu: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**, v. 11, n. 14/15, p. 275-294, 1998.

MACHADO, M. D. C. PICCOLO, F. D. ZUCCO, L. P. NETO, J. P. S. Homossexualidade e igrejas cristãs no Rio de Janeiro. **Revista Rever**, n. 1, p. 75-104, 2011.

MESQUITA, D. T.; PERUCCHI, J. Não apenas em nome de Deus: Discursos religiosos sobre homossexualidade. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 105-114, 2016.

NATIVIDADE, M. T. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 61, p. 115-223, 2006.

NATIVIDADE, M. T.; OLIVEIRA, L. “Nós acolhemos os homossexuais”: Homofobia pastoral e regulação da sexualidade. **TOMO**, São Cristóvão, n. 14, p. 203-227, 2009.

OLIVEIRA, L. P. R.; CASSAB, L. A. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. In: **III simpósio gênero e políticas públicas**. 2014, Londrina. Anais... Londrina: UEL, p. 0-7, 2014.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista Social Política**. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

LEAL, L. E. Identidad sexual y pertenencia eclesial: derroteros de visibilidad en trayectorias de gays católicos. Sexualidad, Salud y Sociedad: **Revista Latinoamericana**, Córdoba, n. 26, p. 262-278, 2017.

LIMA, R. L. O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres. **Fazendo Gênero 9**. UFSC, p. 1-9, 2010.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, n. 5, p. 17- 44, 2010.

TEDESCHI, L. A. A. Confluência dos saberes: As representações e os espaços sociais das mulheres. In: TEDESCHI, L. A. A. **As mulheres e a história: Uma introdução teórico metodológica**. Mato Grosso do Sul: UFGD, 2012.

TOLEDO, L. G. Estigmas e esteriótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista.



Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2008.

ZANELLO, V. **Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.** 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018.